



Universidade do Minho
Instituto de Educação

António Oliveira Lopes

**Estratégias para desenvolver a velocidade
de execução na guitarra desde os primeiros
anos de estudo**



Universidade do Minho
Instituto de Educação

António Oliveira Lopes

**Estratégias para desenvolver a velocidade
de execução na guitarra desde os primeiros
anos de estudo**

Relatório de Estágio
Mestrado em Ensino de Música

Trabalho efetuado sob a orientação do
Doutor Ricardo Barceló

DIREITOS DE AUTOR E CONDIÇÕES DE UTILIZAÇÃO DO TRABALHO POR TERCEIROS

Este é um trabalho académico que pode ser utilizado por terceiros desde que respeitadas as regras e boas práticas internacionalmente aceites, no que concerne aos direitos de autor e direitos conexos.

Assim, o presente trabalho pode ser utilizado nos termos previstos na licença [abaixo](#) indicada.

Caso o utilizador necessite de permissão para poder fazer um uso do trabalho em condições não previstas no licenciamento indicado, deverá contactar o autor, através do RepositóriUM da Universidade do Minho.

Licença concedida aos utilizadores deste trabalho



**Atribuição
CC BY**

<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>

AGRADECIMENTOS

Tendo chegado à etapa final deste curso, queria deixar alguns agradecimentos:

Aos meus pais, pelo apoio incondicional.

À Sílvia, pela motivação e apoio.

Ao meu professor orientador Doutor Ricardo Barceló, por toda a sua ajuda, disponibilidade e aconselhamento.

Ao professor cooperante Paulo Andrade, pela ajuda, apoio e companheirismo.

À professora Maria Helena Vieira, pela força e carinho.

Aos meus colegas de profissão e amigos pela motivação.

Dedico este trabalho aos meus queridos pais.

DECLARAÇÃO DE INTEGRIDADE

Declaro ter atuado com integridade na elaboração do presente trabalho académico e confirmo que não recorri à prática de plágio nem a qualquer forma de utilização indevida ou falsificação de informações ou resultados em nenhuma das etapas conducente à sua elaboração.

Mais declaro que conheço e que respeitei o Código de Conduta Ética da Universidade do Minho.

Estratégias para desenvolver a velocidade de execução na guitarra desde os primeiros anos de estudo

RESUMO

O presente Relatório de Estágio é o culminar de um ano de estágio profissional, inserido no curso de Mestrado em Ensino de Música, realizado na Academia de Música de Vilar do Paraíso durante o ano letivo de 2017/2018, nos grupos disciplinares de Guitarra e Classe de Conjunto. O Projeto de Intervenção foi aplicado a dez alunos e pretendeu verificar a evolução e desenvolvimento da sua velocidade de execução instrumental, após um período de estudo de determinados exercícios técnicos.

Antes da intervenção foi realizada uma entrevista a professores de guitarra de vários géneros musicais sobre a problemática da velocidade de execução instrumental. Durante as aulas, aplicaram-se estratégias para aumentar a velocidade de execução dos alunos, procurando-se incutir o gosto pelo estudo da técnica para a melhoria de aspetos específicos da interpretação musical. Para avaliar os resultados desta investigação, os alunos tiveram de realizar um Teste de Velocidade – que aferia o andamento máximo a que os alunos conseguiriam executar uma escala musical – antes e depois de um período de estudo.

Os resultados obtidos foram bastante positivos, tendo-se verificado um incremento significativo da velocidade de execução dos alunos entre os testes realizados, assim como um aumento da sua motivação e interesse pelo estudo da técnica instrumental. Notou-se igualmente um maior conforto na execução de escalas musicais por parte dos alunos, bem como mais confiança e entusiasmo na performance das mesmas.

Palavras-chave: Escalas, Exercícios, Guitarra, Velocidade

Strategies for the development of speed in guitar playing from the first years of practice

ABSTRACT

The current report was the culmination of a one-year professional internship, part of a Master's Degree on Musical Teaching, held at Academia de Música de Vilar do Paraíso during the academic year of 2017/2018, in the disciplinary groups of Classical Guitar and Ensemble Class. The intervention project was applied to ten students, and intended to verify the evolution and development of their speed in guitar playing, after a period of practice of certain technical exercises.

Before the intervention process, an interview to guitar teachers of various music styles was held, on the problem of speed. During the classes, strategies were applied in order to increase the speed of the students on the guitar, trying also to instill the pleasure of practicing technique for the improvement of specific musical interpretation aspects. To evaluate the results of this investigation, students had to go through a Velocity Test – which measured the maximum speed at which the students could play a scale – before and after a period of practice.

The results were very positive, with a significant increase of the speed between the two tests, as well as an increased motivation and interest in practicing the technique of the instrument. It was also noticeable an increased comfort in scales execution among students, as well as an increased confidence and enthusiasm in their execution.

Keywords: Exercises, Guitar, Scales, Speed

Índice

AGRADECIMENTOS.....	iii
RESUMO	v
ABSTRACT.....	vi
Índice de Tabelas.....	ix
Índice de Figuras	ix
Índice de Anexos.....	x
PREÂMBULO	1
CAPÍTULO I: ENQUANDRAMENTO TEÓRICO	2
1.1. O conceito de “velocidade” na música	2
1.2. Desenvolvendo a velocidade de execução.....	4
1.2.1. Scott Tennant.....	5
1.2.1.1. Velocidade da mão direita	5
1.2.1.2. A sincronização das duas mãos.....	6
1.2.1.3. As mudanças de corda.....	7
1.2.1.4. Conjugação da velocidade da mão direita, sincronização das duas mãos, e mudanças de corda.....	8
1.2.2. A importância da economia de movimento.....	9
1.2.3. O “controlo” consciente.....	10
CAPÍTULO II: INTERVENÇÃO - PRÁTICA PEDAGÓGICA.....	12
Introdução	12
2.1 O Projeto de Investigação	13
2.2 Caracterização da escola	14
2.2.1. Academia de Música de Vilar do Paraíso.....	14
2.2.2. A classe de guitarra	15
2.3. Entrevista a professores de guitarra	16
2.3.1. Análise da entrevista	19
2.4. Intervenção pedagógica – Práticas educativas desenvolvidas.....	20

2.4.1. O Teste de Velocidade	21
2.4.2. Guião de Estratégias de Estudo	24
2.4.3. Exercícios técnicos	27
2.5.1. Exercício 1	27
2.5.2. Exercício 2	28
2.5.3. Exercício 3	29
2.5.4. Exercício 4	30
2.5.5. Exercício 5	31
2.5.6. Exercício 6	32
2.5.7. Exercício 7	33
2.5. Aulas lecionadas.....	34
2.5.1. Alunos intervenientes	35
2.5.2. Aulas individuais (M11) – Grupo Experimental	37
2.5.3. Aulas de Classe de Conjunto (M32) - Grupo Experimental	39
2.5.4. Aulas do Grupo de controlo (M11)	41
CAPÍTULO III – PÓS-INTERVENÇÃO.....	43
3.1. Resultados obtidos – Teste de Velocidade	43
3.2. Inquérito aos alunos	45
3.3. Conclusões.....	47
4. Reflexão final	48
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	51
WEBGRAFIA.....	52
Anexo 1 - Guião de Estratégias	54
Anexo 2 - Exercícios propostos aos alunos.....	55
Anexo 3 - Questionário final aos alunos	60

Índice de Tabelas

Tabela 1 - Grupo Experimental	22
Tabela 2 - Grupo de Controlo	22
Tabela 3 - Aulas individuais - Grupo Experimental - Aula nº1	37
Tabela 4 - Aulas individuais - Grupo Experimental - Aula nº2	38
Tabela 5 - Aulas de Classe de Conjunto - Grupo Experimental - Aula nº1	39
Tabela 6 - Aulas de Classe de Conjunto - Grupo Experimental - Aula nº2	40
Tabela 7 - Aulas do Grupo de Controlo - Aula nº1	41
Tabela 8 - Aulas do Grupo de Controlo - Aula nº2	42
Tabela 9 – Resultados do Grupo Experimental.....	43
Tabela 10 - Resultados do Grupo de Controlo	44

Índice de Figuras

Figura 1 - Exercício 1	27
Figura 2 - Exercício 2	28
Figura 3 - Exercício 3	29
Figura 4 - Exercício 4	30
Figura 5 - Exercício 5	31
Figura 6 - Exercício 6	32
Figura 7 - Exercício 7	33

Índice de Anexos

Anexo 1 - Guião de Estratégias	54
Anexo 2 - Exercícios propostos aos alunos	55
Anexo 3 - Questionário final aos alunos	60

PREÂMBULO

Atualmente, e devido ao novo paradigma social, a Humanidade apresenta o desejo de se tornar cada vez mais veloz, quer por capricho ou por necessidade, e isso pode ser observado em diferentes áreas. Correr mais rápido, comunicar de forma cada vez mais instantânea, produzir meios de transporte mais velozes, recorrer ao *fast food*, escolher atalhos - são apenas alguns exemplos que mostram esta sede de velocidade. A sociedade corre para um modelo onde tudo se processa muito rapidamente e a nós resta-nos tentar acompanhar todos os acontecimentos em andamento “*presto*”, porque o tempo parece cada vez mais curto.

A presente investigação, realizada no âmbito do estágio profissional do mestrado em ensino de música, pela Universidade do Minho, tem como tema o desenvolvimento da velocidade de execução na guitarra desde os primeiros anos de estudo.

A motivação para a escolha do tema tem origem no gosto que desenvolvi pela audição de guitarristas de géneros musicais fora do âmbito da música erudita, como Flamenco, *Jazz* ou *Rock*. Algo que sempre me fascinou é a elevada destreza que muitos destes guitarristas mostram na execução de frases melódicas rápidas, por vezes improvisadas. Simultaneamente, pela experiência adquirida ao longo dos anos como professor, bem como pela observação das aulas do meu professor cooperante, noto nos alunos alguma dificuldade e apreensão em executar determinadas passagens musicais, escalas ou obras ao andamento pretendido ou indicado nas mesmas. Muitos factores poderão estar envolvidos no desempenho dos alunos, desde factores cognitivos (maior ou menor velocidade de processamento, foco, memória, planificação, monitorização, etc.), factores físicos (motricidade fina, coordenação, etc.) e acima de tudo, o que maior peso teve na investigação, o tempo dedicado ao instrumento.

Vários autores de métodos para guitarra clássica abordam o tema da velocidade, e grande parte dos seus métodos constam no programa da disciplina na escola onde realizei o estágio profissional. Ao longo do meu percurso como aluno e professor, tive a oportunidade de conhecer, estudar e aplicar alguns desses métodos, pelo que os escolhi para constituírem a base do meu projeto de investigação. Falo nomeadamente do trabalho dos guitarristas e pedagogos Abel Carlevaro, Emilio Pujol, Leo Brouwer, Ricardo Barceló, Scott Tennat e Simon Powis. Por conterem uma série de exercícios musicais criados para desenvolver a técnica e particularmente a velocidade de execução instrumental, não serviram apenas como sustentação teórica mas também como parte do plano prático.

CAPÍTULO I: ENQUANDRAMENTO TEÓRICO

1.1. O conceito de “velocidade” na música

De uma forma geral, o conceito de velocidade está intimamente relacionado com o tempo - medida arbitrária da duração das coisas - e é sinónimo de rapidez, celeridade ou qualidade do que é veloz¹.

Numa obra musical, a velocidade é representada pelos conceitos de “andamento”, “tempo” ou “pulsação”, que indica a cadência ou velocidade dos “tempos”. O andamento de uma obra musical vem normalmente indicado no início da partitura. Esse andamento é medido numa unidade métrica denominada BPM² (*beats per minute* ou batidas por minuto), que indicam a quantidade de “pulsações” (*beats*) que “cabem” num minuto. Assim, uma obra com um andamento de 60 BPM será interpretada a uma velocidade de 60 pulsações por minuto, isto é, ocorrerá uma pulsação a cada segundo. O metrónomo será o aparelho medidor dos BPM na música. No entanto, os compositores nem sempre definem um valor absoluto do andamento, em BPM, nas suas obras. É bastante comum a indicação do andamento com recurso a termos, geralmente em língua italiana, que sugerem um valor aproximado do mesmo. Por exemplo, *adagio* sugere um andamento lento, *andante* um andamento médio e *allegro* um andamento rápido.

No meio musical, é bastante comum a escolha de repertório tecnicamente difícil por parte de certos intérpretes, seja por gosto pessoal, pelo desafio que representa interpretar obras de virtuosismo instrumental, ou pelo desejo de demonstrar um domínio pleno do instrumento (os chamados “virtuosos”). Muitas vezes, a dificuldade técnica de determinada obra advém precisamente do seu andamento rápido, o que exige do intérprete uma grande velocidade de execução. Traça-se assim um paralelismo entre a velocidade musical de uma obra – andamento – e a velocidade de execução instrumental, por parte do músico, exigido pelo carácter da própria obra. Neste sentido, uma definição de velocidade do ponto de vista da execução instrumental será mais adequada para o nosso estudo.

¹ Disponível em: <https://www.priberam.pt/dlpo/velocidade>

² Os BPM são também utilizados para medir os batimentos cardíacos – pulsação –, sendo por este motivo comum o uso do conceito de “pulsação musical” quando nos queremos referir à “sensação”, mais abstrata, do andamento da obra.

Segundo Fauconnier (1978), citado por Vianna (s.d., p.1), e referindo-se à biomecânica humana, a velocidade é “a qualidade física, particular do músculo e das coordenações neuromusculares que permite a execução de uma sucessão rápida de gestos que, em seu encadeamento, constituem uma só e mesma ação, de uma intensidade máxima e de uma duração breve ou muito breve”.

Estendendo o conceito à música, a velocidade de execução será a capacidade de executar sucessões rápidas de movimentos aplicados ao instrumento. Por outras palavras, é a capacidade de tocar rápido uma sucessão de notas musicais. Essa velocidade é muitas vezes apreciada pelos ouvintes de música, que associam essa característica a um certo virtuosismo do instrumentista, ainda que velocidade não seja sinónimo de virtuosismo. Por outro lado, é muito comum o desejo, por parte de muitos músicos, de desenvolver a velocidade de execução, e usar essa ferramenta técnica para se destacarem de outros músicos.

Mas como se poderá desenvolver a velocidade de execução na guitarra? Quais os aspetos a ter em consideração para que tal ocorra?

1.2. Desenvolvendo a velocidade de execução

A realização de exercícios específicos – escalas, *speed bursts*³, arpejos ou rasgueados – é comumente designada por “treino da técnica”. Para executarmos com velocidade, é necessário, antes de mais, executarmos bem e eficientemente, ou seja, aplicar uma técnica correta, com movimentos harmoniosos bem coordenados, e com o menor esforço possível. Barceló (1995, p.8) define técnica como “o conjunto de procedimentos que permitem conseguir o funcionamento mecânico adequado às exigências expressivas das obras musicais”. Para o autor, apesar da técnica e música não se poderem separar numa obra musical, “é possível realizar exercícios cuja finalidade não seja propriamente a música, mas sim a “ginástica”, ou seja, o treino dos dedos, a parte restante do aparelho motor e atitude intelectual, que deve ser constantemente ativa e concentrada”. Um músico que realiza exercícios específicos para “treinar os seus dedos” da mão direita, por exemplo, está a usar o mesmo princípio de um nadador que realiza exercícios isolados para as pernas. O nadador, exercitando os movimentos das pernas, está a otimizar a sua musculatura para posteriormente potenciar a sua propulsão na água e atingir uma maior velocidade. Passa-se o mesmo na música. De acordo Zunin (2014) o treino físico aumenta a quantidade de fibras musculares e consequentes terminações nervosas que comunicam com o cérebro. Assim, uma musculatura bem treinada conseguirá movimentos mais controlados e ágeis, condição essencial para o domínio do instrumento.

³ Traduzível para português como “*explosões de velocidade*”.

1.2.1. Scott Tennant

Segundo Scott Tennant (1995), há quatro elementos que devem ser trabalhados para o desenvolvimento da velocidade de execução: a velocidade da mão direita só, a sincronização das duas mãos, as mudanças de corda (passar de uma corda para outra adjacente) e a conjugação destes elementos.

1.2.1.1. Velocidade da mão direita

Por velocidade da mão direita, o autor entende a capacidade de tocar uma série sucessiva de notas rapidamente, defendendo a necessidade de se treinar *speed bursts*. Tennant (1995, p.62) define este conceito como o ato de executar alternadamente, com o dedo indicador e médio, uma série de notas longas e uma série mais curta de notas rápidas. Barceló (2001, p.47), no seu livro *Adestramento técnico para guitarristas*, aborda um conceito semelhante, afirmando que “a rápida execução de poucas notas com um breve descanso posterior é ideal para o desenvolvimento da velocidade”. Contudo, a mão direita não está limitada a movimentos realizados unicamente pelos dedos indicador e médio e muito menos à execução de linhas melódicas ou escalas. Muitas vezes, a dificuldade em tocar rápido uma determinada frase musical prende-se com a necessidade de atacar diferentes cordas com diferentes combinações de dedos, e por vezes em simultâneo. Por outro lado, a mão direita representa todo um mecanismo de produção sonora – é esta que ataca as cordas, fazendo-as vibrar – e tem que realizar um grande leque de movimentos, sendo por isso importante ser alvo de uma maior atenção. É por isso essencial para o desenvolvimento da velocidade da mão direita a realização de exercícios variados que impliquem um maior número de movimentos para se obter uma maior rapidez na execução dos diferentes recursos musicais (como por exemplo escalas, arpejos, trémulos ou rasgueados).

O treino de rasgueados é também considerado uma ótima forma de desenvolver a velocidade da mão direita. O rasgueado, recurso musical geralmente associado a guitarristas de flamenco, é caracterizado por sucessões de “golpes” nas cordas realizados pelos dedos da mão direita. A particularidade desta “técnica” é que os “golpes” são realizados com movimentos de extensão dos dedos (abrir a mão), e de flexão (fechar a mão), ao contrário das escalas, por exemplo, em que o ataque das cordas é realizado exclusivamente com movimentos de flexão dos dedos. De

acordo com Barceló (2001), “quando se praticam rasgueados intervêm músculos geralmente pouco usados, como os extensores, que podem ajudar o regresso expedito dos mesmos à atitude normal de ataque, ou seja, a ter mais agilidade. Não é por acaso que depois de usar rasgueados funcionam melhor as escalas, os trémulos e os arpejos”.

1.2.1.2. A sincronização das duas mãos

A sincronização é, segundo Tennant (1995), a capacidade de executar uma ou mais notas graças à ação simultânea de ambas as mãos. Esta é uma das dificuldades na execução instrumental da guitarra, pois ao contrário do piano, por exemplo, em que uma nota é executada com um dedo, são necessários dois dedos para se produzir a mesma nota na guitarra, com exceção das notas produzidas com as cordas soltas (Barceló, 2001). Um dedo da mão esquerda pressiona a corda contra o diapasão⁴ e um dedo da mão direita ataca a corda para a fazer vibrar, e conseqüentemente, produzir som.

Para Simon Powis (2006), uma forma muito eficaz de treinar a sincronização é a realização de escalas musicais com total foco no posicionamento correto dos dedos e na precisão dos movimentos. Aqui, o conceito de “correto” no posicionamento dos dedos é um pouco vago, na medida em que não existe uma fórmula universal e perfeita para a execução da guitarra, ou qualquer outro instrumento. A técnica e a colocação das mãos varia de músico para músico de acordo com as suas características anatómicas, com as características do próprio instrumento, ou mesmo de acordo com o resultado sonoro e expressivo que o músico pretende.

A importância da realização de escalas para o treino da sincronização de ambas as mãos deve-se à necessidade de realizar movimentos da mão direita coordenados com os movimentos dos dedos da mão esquerda, o que não acontece com todos os recursos musicais. No caso da execução de um acorde, por exemplo, a mão esquerda assume uma posição estática, pressionando as cordas contra o diapasão da guitarra, enquanto que a mão direita realiza os movimentos necessários para a produção do som desses mesmos acordes. Já na execução de uma escala musical, pela natureza desse recurso musical, em que várias notas diferentes se sucedem em movimentos ascendentes e descendentes, há inevitavelmente a necessidade da realização de movimentos simultâneos de ambas as mãos, que devem ser sincronizados.

⁴ A parte do braço da guitarra sobre a qual são pressionadas as cordas.

1.2.1.3. As mudanças de corda

As mudanças de corda, nomeadamente com alternância dos dedos indicador e médio, são também alvo de muita atenção, pois implicam uma rápida adaptação da mão direita a cada corda. A principal dificuldade desta técnica é executar uma mudança de corda com o dedo que está mais distante da corda alvo – por exemplo, usar o dedo indicador para passar para uma corda de inferior numeração à atacada anteriormente pelo dedo médio, ou usar o dedo médio para passar para uma corda de numeração superior à que imediatamente antes tinha tocado o indicador – movimentos estes que são, de certa forma, menos naturais. Por outras palavras, se um guitarrista depois de executar duas notas sucessivas numa só corda, tiver de mudar de corda num movimento melódico descendente, optará normalmente por começar com o médio, seguido do dedo indicador, ficando assim com o dedo médio novamente disponível e mais próximo para atacar a corda imediatamente abaixo da anterior, realizando um movimento mais confortável. No entanto, na execução de escalas, por exemplo, muitas vezes o guitarrista não tem outra opção senão realizar três notas por corda. Neste caso, ainda que possa começar com a combinação indicador-médio-indicador, ficando com o médio livre para atacar a corda imediatamente abaixo (no caso de movimentos descendentes), na mudança de corda seguinte irá ter inevitavelmente que usar o indicador. Aqui reside a dificuldade, pois o dedo indicador irá encontrar-se mais afastado da corda seguinte, realizando assim um movimento menos espontâneo.

1.2.1.4. Conjugação da velocidade da mão direita, sincronização das duas mãos, e mudanças de corda

Finalmente, Tennant (1995) afirma que devem ser realizados exercícios de forma a treinar simultaneamente os três elementos supracitados. Esses exercícios assumem quase sempre a forma de escalas musicais. De facto, tanto Scott Tennant como outros autores de métodos para guitarra aconselham a realização de escalas como veículo essencial para o desenvolvimento da destreza e da velocidade de execução dos guitarristas. Para a execução correta das escalas – com clareza sonora e rigor rítmico – é necessária uma grande atenção à mão direita (que realiza os movimentos necessários à produção do som), à sincronização de ambas as mãos (pois as notas de uma escala são um produto da combinação dos movimentos da mão direita e esquerda), e às mudanças de corda (que permitem a distribuição das notas da escala musical pelas diferentes cordas da guitarra).

1.2.2. A importância da economia de movimento

Simon Powis (2006) aborda o problema da velocidade sob outra perspectiva. Segundo o autor, um dos pontos mais importantes para o desenvolvimento da velocidade de execução é a economia de movimento. De acordo com o autor, deve ser empregue o mínimo esforço possível em cada gesto, evitando o desperdício de energia, promovendo a eficiência e prevenindo o cansaço muscular. Chang (2009) aborda a mesma questão da economia de movimento, introduzindo o conceito um pouco ambíguo de “relaxamento”, significando este nada mais que o relaxamento dos músculos desnecessários à execução de determinado movimento (pp. 39-40). Para o autor, este é o elemento mais importante para a obtenção de velocidade na execução de um instrumento musical, sendo no entanto algo difícil de se conseguir, pois o simples facto de executar exercícios repetidos num instrumento coloca o músico num estado de *stress* que muitas vezes passa despercebido. Neste sentido, Chang (2009) aconselha a prática dos exercícios com pouco volume sonoro - *piano* - , e com consciência corporal, descobrindo e eliminando tensões musculares desnecessárias, regularizando a respiração, e permitindo o corpo funcionar normalmente, de forma a reduzir o *stress* e o cansaço físico.

Powis (2006) aconselha igualmente o instrumentista a “vigiar” o seu corpo, durante a execução instrumental, evitando a realização de movimentos involuntários que podem prejudicar a performance. Bater o pé para marcar a pulsação, fazer pressão involuntária com os dentes ou inclinar o corpo para a frente numa passagem mais difícil são movimentos que, de acordo com o autor, impedem o instrumentista de realizar os movimentos necessários à execução musical de forma mais relaxada. É por isso necessário que o músico aprenda a controlar o seu corpo, ativando apenas os músculos necessários à prática instrumental e libertando os restantes músculos de tensão, conseguindo assim um maior domínio da sua técnica.

1.2.3. O “controle” consciente

Se a velocidade da mão direita, a sincronização de ambas as mãos e as passagens de corda são elementos que podem ser trabalhados com o recurso a exercícios técnicos específicos, a economia de movimentos e o relaxamento muscular são conceitos que devem ser aplicados durante a realização desses mesmos exercícios. De acordo com Barceló (2001), mais importante do que realizar os exercícios é realizá-los de forma correta, consciente e controlada, para que possamos usar apenas os músculos absolutamente necessários e eliminar interferências de esforços que desperdicem as energias. Aqui, o conceito de “controle”⁵ na realização dos exercícios assume-se como preponderante, sendo também alvo de atenção por parte de outros autores na sua relação com a velocidade. De acordo com Tennant (1995), “o controle é mais importante que a velocidade (...) A velocidade é algo que usamos para um fim musical”⁶. Carlevaro (1979) refere igualmente a importância do controle em detrimento da velocidade:

“Todo exercício deve ser estudado muito lentamente, e uma vez dominado pode acelerar-se, mas nunca a um tempo que impeça o controle dos movimentos”⁷

Carlevaro (1979) alerta igualmente para a necessidade de um estudo consciente e focado dos exercícios, estudos e obras, para que tudo aconteça de forma natural, precisa e sem esforço. De acordo com o autor, o estudo da técnica deve implicar uma total consciência do movimento dos dedos, havendo sempre um ponto de partida na mente, sendo essencial a absoluta concentração e análise de todo o movimento. Defende ainda que não existe um desenvolvimento técnico eficiente sem um constante esforço intelectual por parte do aluno. Por sua vez, Pujol (1956) afirma que a técnica não deve constituir um fim, mas uma forma eficaz e necessária para chegar à perfeição da arte. Divide ainda a técnica em dois tipos: uma habilidosa e aparente que dá a impressão de “fazer” e outra firme e verdadeira que “faz

⁵ Capacidade de regulação do funcionamento dos nossos movimentos. É sinónimo de percepção, verificação e autodomínio.

⁶ Tennant, Scott (1995). *Pumping Nylon, The Classical Guitarist's technique handbook*. New York: Alfred Music. “Control is more importante than speed (...) Speed is something we use towards a musical end”.

⁷ Carlevaro, Abel (1979). *Escuela de la guitarra. Exposición de la teoría instrumental*. Buenos Aires: BarryEditorial. “Todo ejercicio debe estudiarse muy lentamente, y una vez dominado puede acelerarse, pero nunca a un tiempo que impida el control de los movimientos”.

realmente”. O autor também atribui grande importância à forma como se estuda para se conseguir resultados, e diz que o seu primeiro conselho a qualquer iniciante é “aprender a estudar”. O estudo é, segundo o autor, o segredo de uma boa técnica, e a qualidade deste é mais importante que a quantidade, a assiduidade mais importante que a insistência e a reflexão mais importante que a obstinação. O aluno não deve estudar de forma automática pensando que a quantidade de horas resolve tudo. É necessária atenção e deverá sempre vigiar-se o aspecto instrumental, musical e artístico de toda a execução.

CAPÍTULO II: INTERVENÇÃO - PRÁTICA PEDAGÓGICA

Introdução

A observação de aulas de guitarra e classe de conjunto na escola de estágio, e a subsequente prática pedagógica, ocorreram entre finais de Outubro de 2017 e Junho de 2018. No âmbito da disciplina de Guitarra (M11), observei alunos de todos os ciclos de ensino, nomeadamente dois alunos do 1º ciclo, três alunos do 2º ciclo, dois alunos do 3º ciclo e dois alunos do Secundário. Quanto à Classe de Conjunto (M32) observei o ensaio semanal do octeto de guitarras do meu professor cooperante, constituído por alunos de todos os níveis a partir do 2º ciclo.

De um modo geral, observei aspetos didáticos usados pelo professor cooperante, os tipos de intervenções por ele feitas, a sua forma de comunicação, o seu conhecimento teórico, os conteúdos e objetivos das aulas, materiais utilizados, a forma de avaliação, entre outros. Nos alunos, procurei observar as suas reações e evolução.

As atividades relacionadas com o estágio foram implementadas em diversas fases. Entre o início da observação de aulas e o início da prática pedagógica decorreu a primeira fase (A), durante a qual foi elaborado o projeto de investigação, realizada pesquisa bibliográfica, recolhidos dados sobre a escola de estágio e a classe de guitarra, e ainda realizada uma entrevista. No final desta fase foram escolhidos os alunos que iriam integrar a prática pedagógica, que constituiu a fase seguinte (B), e durante a qual se desenvolveram um Guião de Estratégias de Estudo (anexo 1) e os Exercícios Técnicos (anexo 2) a trabalhar com os alunos. Nesta fase implementou-se o projeto de intervenção em ambos os grupos de recrutamento (M11 e M32) e elaborou-se o Portefólio de Estágio. A fase final (C) compreendeu a organização, tratamento da informação, inquérito pós-intervenção aos alunos (anexo 3) e elaboração do presente Relatório de Estágio.

2.1 O Projeto de Investigação

Após uma primeira fase de observação das aulas do meu professor cooperante, e após toda a recolha de dados sobre a escola de estágio, a classe de guitarra e os alunos observados e participantes do meu projeto de intervenção, procedi a outros tipos de recolha de dados sobre a temática do desenvolvimento da velocidade de execução na guitarra: o diálogo com colegas e professores de guitarra, com a comunidade educativa da AMVP e com os professores orientador e cooperante; a contínua consulta bibliográfica, uma entrevista pré-intervenção a professores de diferentes estilos de guitarra (2.3.), um teste aos alunos, a que dei o nome de Teste de Velocidade (2.4.1.), e ainda um inquérito final aos alunos (3.2.), apresentado no capítulo III de pós-intervenção.

2.2 Caracterização da escola

2.2.1. Academia de Música de Vilar do Paraíso

A Academia de Música de Vilar do Paraíso é uma escola de ensino vocacional artístico, fundada em 1979. Com autonomia pedagógica desde 2007, leciona cursos oficiais de música e de dança nos regimes integrado, articulado, supletivo e livre, desde o pré-escolar até ao nível secundário. Em 2003 criou ainda o curso livre de teatro musical, inédito em Portugal. No ano de 2015 iniciou o curso de jazz e música moderna no nível secundário, nos regimes livre e oficial.

As preocupações dominantes são a qualidade do seu ensino, nomeadamente a dinamização de vários grupos instrumentais, corais, de dança e de teatro. Estas classes têm participado em diversos concertos, festivais, concursos e outras iniciativas de índole cultural, quer nacional quer internacionalmente. Destacam-se concertos no Coliseu do Porto, Teatro Rivoli, Grande Auditório do Europarque, Centro Cultural de Belém; participações em festivais internacionais de música na Suíça, em Neerpelt – Bélgica, onde obteve vários primeiros prémios com distinção, na Eslováquia e na Alemanha; concertos em Espanha, França (Paris) e Rússia (S. Petersburgo), entre outros.

Desde a sua fundação a Academia tem sido pedagogicamente orientada no sentido de, através de uma interação ativa e criativa, possibilitar a formação dos cursos oficiais em vigor e dotar os seus alunos de competências para as exigências da sociedade e do mercado de trabalho atual. As preocupações dominantes são a qualidade do seu ensino e a manutenção de vários grupos instrumentais, corais, de dança e de teatro. A Academia é uma das escolas de onde têm saído mais alunos para seguir a carreira artística, motivo de orgulho pelo facto de alguns hoje serem profissionais reconhecidos nacional e internacionalmente.

2.2.2. A classe de guitarra

Podemos dizer que a disciplina de guitarra goza de um certo estatuto de destaque nesta academia de música, desde logo evidenciado pelo número elevado de alunos (mais de cem) mas também pelo excelente trabalho desenvolvido pelos professores que levaram a que a Orquestra de Guitarras principal obtivesse diversos prémios internacionais. A Orquestra tem ainda no seu currículo quatro trabalhos discográficos onde interpretam brilhantemente obras de grandes compositores do mundo da guitarra clássica.

As disciplinas de guitarra e de classe conjunto, orquestras de guitarras, são lecionadas por seis professores, cinco dos quais tiveram parte da sua formação na Academia de Música de Vilar do Paraíso. São eles Paulo Andrade, meu professor cooperante, Augusto Pacheco, Ana Silva, Firmino Gomes, Gonçalo Morais e José Pinto.

De destacar que a Academia conta este ano letivo com 107 alunos de guitarra, sendo que 8 frequentam o regime supletivo, 46 o integrado, 9 o articulado, 40 a iniciação e 4 o pré-escolar.

A classe do meu professor cooperante, o professor Paulo Andrade, é constituída por 17 alunos, sendo que 11 frequentam o regime integrado, 1 o regime supletivo, 2 o regime articulado e 3 a iniciação. Conta ainda com uma turma de 7 alunos onde desenvolve o trabalho de classe de conjunto – Orquestra de guitarras.

A classe é bastante homogénea, com um ou dois destaques para alunos mais dotados, o que mostra o trabalho consistente que está a ser feito com a mesma. O tipo de aulas que tenho observado são bastante completas e abarcam um leque de pedagogias que vão desde técnicas de motivação, apelo à calma e controlo emocional, auxílio no estudo, preocupação com a postura e movimentos adequados, a temas como o desenvolvimento auditivo, desenvolvimento da capacidade de autocrítica e autoavaliação e expressividade musical.

2.3. Entrevista a professores de guitarra

Com o objetivo de recolher dados mais práticos para a investigação, realizei uma entrevista a professores de guitarra de vários géneros musicais, com o propósito de verificar se os professores utilizavam estratégias para o desenvolvimento da velocidade de execução dos alunos, e em caso afirmativo, tomar conhecimento das mesmas, e também com o objetivo de recolher estratégias fora do contexto dos métodos comumente usados.

Tendo tido uma formação em *Rock* e sendo também professor de guitarra elétrica, acabo por traçar paralelismos entre os dois tipos de instrumento, guitarra elétrica e guitarra clássica. Apesar das claras diferenças de design, som, abordagem técnica, e dos diferentes géneros musicais normalmente associados a estes dois instrumentos, há inegáveis semelhanças, como o número de cordas, a afinação, as medidas do braço e do corpo ou mesmo a posição e movimentos da mão esquerda. Isto torna possível o intercâmbio de técnicas de execução instrumental por parte dos guitarristas de guitarra clássica e elétrica, fazendo com que possam munir-se de mais recursos expressivos, ter mais opções técnicas ou mesmo poder destacar-se da “concorrência”. O mesmo acontece se falarmos de estilos musicais e compararmos a guitarra clássica e a guitarra flamenca, por exemplo. Dois mundos aparentemente muito diferentes na sonoridade musical, recursos técnicos e expressivos usados, postura do guitarrista e colocação da mão direita, no entanto tão semelhantes na forma básica de atacar as cordas. Não será interessante um músico de guitarra clássica poder recorrer a técnicas de rasgueado da música flamenca e seu efeito expressivo para alargar o seu leque de opções na hora da interpretação musical? Não será interessante um músico de *Rock* poder usar técnicas de contraponto, na guitarra elétrica, comumente usados pelos guitarristas de música erudita? É por isso interessante que haja uma partilha e fusão de conhecimento técnico e específico por parte dos músicos e professores de diferentes guitarras, estilos musicais ou com abordagens diferentes a esses mesmo instrumentos.

Este conceito de “intercâmbio” é abordado por Barceló (2001, p.11), que afirma:

“Entre as técnicas que usam os guitarristas virtuosos do mundo do flamenco, da música clássica ou do jazz, não existem grandes incompatibilidades, simplesmente cada um dá prioridade aos recursos técnicos mais úteis e usados, que são intercambiáveis entre os músicos de diferentes géneros para aumentar suas possibilidades instrumentais. É portanto inútil falar da superioridade de algum

género ou estilo músico-instrumental; cada instrumentista deverá reconhecer o trabalho que pode realizar com as duas mãos e selecionar a variedade de técnicas adequadas e necessárias para aplicar as suas ideias musicais e também para comunicar, e transmitir os seus conhecimentos com clareza, no caso de dedicar-se à docência.”

Por acreditar nos benefícios de um ensino “completo”, onde coexistem ideias e metodologias que vão desde a música erudita à música popular, decidi então entrevistar quatro professores de guitarra de vários géneros musicais, o que me permitiu ter uma visão mais abrangente do uso de estratégias para desenvolver velocidade de execução na guitarra. Acima de tudo procurei estratégias que pudessem ser aplicadas facilmente por alunos de vários níveis, mas que não consistissem apenas no estudo de exercícios específicos. Procurava ideias que não constassem necessariamente nos “livros” e que pudessem ajudar qualquer músico a desenvolver a sua velocidade.

Foram entrevistados um professor de Guitarra Clássica (professor A), *Jazz* (professor B), Flamenco (professor C) e *Rock* (professor D).

A entrevista consistiu em apenas três perguntas. Segue-se o conteúdo das mesmas, assim como um resumo das respostas obtidas:

1 - Utilizas estratégias para desenvolver a velocidade de execução dos teus alunos?

Todos os professores responderam afirmativamente a esta pergunta, deduzindo-se que os mesmos atribuem importância ao trabalho específico da velocidade de execução. Alguns professores chegam mesmo a abordar esse tema com especial cuidado devido à enorme vontade de alguns alunos em desenvolver a sua velocidade, principalmente os alunos de *rock* e flamenco. O desejo impaciente, principalmente dos alunos mais jovens, que querem imitar os seus ídolos, podem levá-los a descuidar a técnica e tentar perseguir apenas um número de *BPMs*, sem rigor rítmico, dinâmico ou com uma postura inadequada. Uma conduta de estudo inadequada pode originar tensões musculares desnecessárias, com potencial de desenvolvimento para várias lesões que já são bem conhecidas entre os músicos, como contracturas musculares, tendinite no ombro, epicondilite, entre outras.

2 - Quais são essas estratégias?

O Professor A (Guitarra Clássica) apresentou estratégias como: estudar por secções (pequenas frases ou compassos), tocar lento para sentir todo o movimento envolvido no exercício, fazer exercícios para desenvolver a musculatura das mãos, fazer uso do metrónomo, trabalhar técnicas como trémulo, rasgueados e ligados.

O Professor B (*Jazz*) defendeu a realização de “exercícios de coordenação” como o trabalho de escalas ou passagens difíceis com ritmos, exercícios para o toque com palheta na mão direita, estudo de padrões de dedos na mão esquerda, e o estudo utilizando o metrónomo.

O Professor C (Flamenco) sugeriu trabalhar os exercícios muito lentamente, trabalhar com metrónomo, estudar por secções, treino de escalas, e fazer um bom aquecimento antes do estudo.

O Professor D (*Rock*) falou em exercícios para a mão direita como palhetada alternada, padrões de dedos na mão esquerda, estudar com metrónomo, estudar por secções, e estudar lento.

3 - Obténs os resultados esperados – desenvolvimento efetivo da velocidade de execução?

No geral, todos os professores afirmaram o mesmo: os alunos que estudam, desenvolvem a velocidade. Infelizmente há sempre os que não estudam o suficiente.

2.3.1. Análise da entrevista

Apesar das diferenças nos métodos e estratégias de ensino dos professores entrevistados, essencialmente fruto da variedade de géneros musicais que abordam, vislumbram-se vários pontos em comum.

O uso do metrónomo como instrumento de auxílio ao estudo parece ser determinante para trabalhar a velocidade de execução. Mais ainda quando falamos em velocidade sustentada pelo rigor rítmico que se pretende com este tipo de trabalho. O *click* do metrónomo facilita a noção de tempo e sua subdivisão, o que ajuda na percepção que o aluno tem sobre a sua precisão de movimentos.

Estudar por secções ou frases ou debruçar-se sobre determinado compasso ou célula rítmica são também estratégias usadas por vários professores. Permite um maior foco sobre o objeto estudado, por exemplo um ou dois compassos do trecho musical, para além de permitir repeti-lo mais vezes. Outra estratégia comum a vários professores para desenvolver a velocidade dos seus alunos é, curiosamente, “obrigá-los” a tocar lento. Os professores defendem que o estudo em andamento lento facilita a percepção dos movimentos e a compreensão do ritmo, condições essenciais para se executar rápido.

Compreensivelmente, após entrevistar professores de géneros musicais diferentes, encontrei estratégias “exclusivas” de cada um, o que não quer dizer que os outros professores não as usem, apenas não as referiram no contexto da entrevista. Chamaram-me à atenção duas estratégias em específico, usadas pelo Professor A) e pelo professor C), pelo simples facto de se focarem numa dimensão mais física da execução instrumental: realizar um aquecimento dos músculos antes da prática instrumental, e fortalecê-los com exercícios específicos. Como já foi discutido neste trabalho, o trabalho da musculatura promove o aumento de fibras musculares e consequentes terminações nervosas que comunicam com o cérebro, permitindo movimentos mais controlados e ágeis (Zunín, 2014).

Após a análise da entrevista, decidi discutir as diferentes estratégias que acabara de resumir com o meu professor cooperante e vários colegas professores de guitarra clássica. Este *input* teve um peso importante, juntamente com a leitura bibliográfica, na elaboração de um guião de estratégias de estudo, que será apresentado no tópico seguinte.

2.4. Intervenção pedagógica – Práticas educativas desenvolvidas

Como já constatei anteriormente, nota-se frequentemente nos alunos de guitarra alguma dificuldade e apreensão em executar determinadas passagens musicais, escalas ou obras ao andamento pretendido ou indicado nas mesmas. Aparentemente, não se conhece ainda a fórmula perfeita para solucionar este problema, para além da aplicação de exercícios próprios propostos por vários pedagogos.

O plano de intervenção consistiu na aplicação de estratégias para o desenvolvimento da velocidade de execução na guitarra, desenvolvidas para o contexto do estágio profissional.

Foi realizado um Teste de Velocidade (2.4.1.) pelos alunos, em dois momentos, com um intervalo de aproximadamente dois meses cada um, no qual foi medido o andamento máximo a que conseguiam executar uma escala musical antes, e após a prática de alguns exercícios elaborados por mim (2.4.3.). Estes exercícios foram baseados nos métodos descritos na revisão da literatura, e trabalham aspetos técnicos específicos como a velocidade da mão direita, sincronização de ambas as mãos, escalas e rasgueados.

Foram também apresentadas e trabalhadas com os alunos algumas estratégias para o desenvolvimento da velocidade, que constam num Guião de Estratégias de Estudo (2.4.2.).

O objetivo foi perceber se com um estudo regular, as estratégias e os exercícios específicos propostos poderiam produzir um efeito benéfico no desenvolvimento da velocidade de execução.

2.4.1. O Teste de Velocidade

A fim de perceber se a aplicação das estratégias para o desenvolvimento da velocidade de execução teriam ou não o efeito desejado, realizei um “Teste de Velocidade” em dois momentos distintos:

Momento 1 - na primeira aula, para aferir o andamento máximo a que os alunos conseguiriam executar uma escala musical

Momento 2 - na segunda e última aula, para verificar se, de facto, houve incremento da velocidade de execução após aplicação das estratégias.

O intervalo temporal entre estas duas medições foi de aproximadamente 6 semanas. Nesse período os alunos assumiram o compromisso de estudar regularmente os exercícios propostos.

O teste foi realizado exatamente da mesma forma nos dois momentos.

A realização deste teste teve dois objetivos. O primeiro foi verificar se o estudo de exercícios técnicos poderia ter uma influência no desenvolvimento da velocidade de execução dos alunos. O segundo objetivo foi aumentar os níveis de motivação dos alunos para o estudo dos exercícios propostos (o facto dos alunos saberem que realizariam dois testes no espaço de seis semanas para verificar se haveria um aumento da sua velocidade de execução, poderia ser um fator motivador para estudarem os exercícios no espaço temporal entre ambos os testes).

Para aferir a eficácia das estratégias aplicadas, aplicou-se o teste num **grupo experimental** (constituído pelos alunos que iriam trabalhar os exercícios de incrementação de velocidade) e num **grupo de controlo** (formado por alunos com os quais não foram trabalhados quaisquer exercícios nem discutidas as estratégias para o desenvolvimento da velocidade).

O objetivo da utilização do grupo de controlo foi perceber se haveria uma diferença significativa no desenvolvimento da velocidade de execução entre um grupo que realiza um trabalho específico para esse fim – grupo experimental – e um grupo que não realiza qualquer trabalho específico para o desenvolvimento da velocidade.

As tabelas seguintes indicam os alunos que fizeram parte do grupo experimental e do grupo de controlo, bem como a escala musical que executaram. Os alunos das aulas individuais aparecem representados por letras (A,B,C,E,F,G,H e J) e os alunos da classe de conjunto representados com números (1,2,3,4,5,6 e 7).

O Grupo Experimental foi formado por três alunos individuais (C, E e F) e pelos sete alunos da Classe de Conjunto. O Grupo de Controlo foi formado por cinco alunos individuais (A, B, G, H, J).

Tabela 1 - Grupo Experimental

Aluno	Grau	Escala
C	2°	Dó maior (2 oitavas)
E	5°	Dó maior (2 oitavas)
F	Iniciação III	Mi menor (2 oitavas)
1	Classe de conjunto (CC)	Dó maior (2 oitavas)
2	CC	Dó maior (2 oitavas)
3	CC	Dó maior (2 oitavas)
4	CC	Dó maior (2 oitavas)
5	CC	Dó maior (2 oitavas)
6	CC	Dó maior (2 oitavas)
7	CC	Dó maior (2 oitavas)

Tabela 2 - Grupo de Controlo

Aluno	Grau	Escala
A	2°	Fá maior (2oitavas)
B	1°	Fá maior (1 oitava)
G	3°	Dó maior (2 oitavas)
H	3°	Dó maior (2 oitavas)
J	7°	Dó maior (2 oitavas)

A escala escolhida para a realização do teste foi a escala de Dó Maior (2 oitavas), pelo simples facto de ser uma escala bem conhecida por todos. No entanto, três dos alunos não conheciam esta escala, pelo que optei por deixá-los realizar o teste com escalas que estavam a trabalhar nas suas aulas, para não prejudicar a performance.

1 - Os alunos começaram por realizar um aquecimento, executando várias vezes a escala que iriam utilizar no teste.

2 - Seguidamente foi adicionado o metrónomo ao andamento que os alunos consideraram confortável, isto é, ao andamento a que conseguiriam executar a escala de forma controlada, relaxada e abaixo das suas capacidades máximas.

3 - O próximo passo foi incrementar gradualmente o andamento e verificar qual o valor a que os alunos começavam a perder o controlo da execução (notas falhadas, ritmo irregular, dificuldade em manter o andamento).

4 - De seguida, voltou-se a diminuir o andamento ligeiramente, encontrando-se o valor a que os alunos conseguiam executar a escala no limite das suas capacidades (velocidade máxima de execução), mas de forma limpa (com as notas certas, sem ruídos indesejáveis e com rigor rítmico ao longo de toda a escala).

No caso dos alunos mais avançados, as escalas foram executadas em semicolcheias, estando o metrónomo a marcar a semínima. Com os alunos mais novos (aluno A, B e F), devido a apresentarem uma menor velocidade de execução da escala, optei por colocar o metrónomo a marcar a colcheia. No entanto, na apresentação dos resultados, recalculei os valores do andamento.

Os resultados obtidos pelos dois grupos em ambos os testes estão representados nas tabelas 9 e 10, no tópico “3.1. Resultados Obtidos – Teste de Velocidade” do terceiro capítulo.

2.4.2. Guião de Estratégias de Estudo

O Guião de Estratégias de Estudo (anexo 1), fruto da pesquisa bibliográfica e da entrevista realizada aos professores de guitarra, foi o ponto de partida para a planificação das aulas dadas na intervenção pedagógica. Estas estratégias foram apresentadas, discutidas e utilizadas durante as aulas.

Segue a lista de estratégias que figuram no guião, bem como uma breve nota explicativa de cada uma:

- **Executar determinada frase musical com metrónomo e aumentar gradualmente o andamento.** É necessário bastante cuidado para que, com o incremento da velocidade, não se perca outras coisas como a postura correta, colocação perfeita das mãos ou precisão rítmica. Como já referi anteriormente, a ideia é que o *click* do metrónomo facilite a noção de tempo e sua subdivisão, ajudando na percepção que o aluno tem sobre a sua precisão de movimentos.
- **Executar a mesma frase com diferentes abordagens (ritmos ou técnicas diferentes da mão direita).** O trabalho com ritmos é bastante usado pela generalidade dos professores com quem dialoguei. Para uns, o treino de várias figuras rítmicas prepara o aluno para ser rápido independentemente do ritmo das passagens. Nem sempre uma passagem rápida é composta de escalas de ritmo regular, por exemplo. Outros professores acreditam que o treino de uma escala, com vários ritmos difíceis, vai tornar mais confortável a execução da mesma escala quando executada com um ritmo mais simples e regular.
- **Realizar exercícios de diferentes técnicas para o desenvolvimento da agilidade de ambas as mãos (trémulos, escalas, arpejos, rasgueados, etc.).** Há um consenso entre os vários professores neste ponto. Não apenas acreditam que o treino da técnica é benéfico para desenvolver a velocidade, como advogam que é importante treinar os mais variados recursos técnicos e expressivos para preparar o aluno para todo o tipo de passagens rápidas, sejam escalas, arpejos ou sequências de acordes.

- **Fazer exercícios físicos para o desenvolvimento da musculatura dos braços e mãos.** Como foi referido, uma musculatura bem trabalhada, permite movimentos mais controlados e ágeis. (Zunin, 2014)
- **Explorar diferentes técnicas de articulação como “figueta”, ligados, entre outros.** A opinião dos professores varia quanto à aplicação desta técnica. Uns afirmam poder ser benéfico explorar várias técnicas na mesma frase, como por exemplo executar uma escala com apoio, sem apoio, com ligados, com “figueta”, etc. de forma a melhorar a técnica geral e conseqüentemente ser mais ágil. Para outros esta é uma falsa questão pois estamos a contornar o problema. Se temos que executar uma determinada frase numa obra musical, devemos repeti-la o mais próximo possível do que está escrito e sempre da mesma forma para que o movimento se torne “automático”.
- **Explorar ângulos de ataque da mão direita.** Uma ligeira mudança no ângulo de ataque dos dedos da mão direita pode fazer com que as unhas, para quem as usar para a produção do som, passem com menos atrito nas cordas.
- **Tocar lento e perceber/sentir todos os movimentos.** Deve ter-se total consciência dos movimentos para executar rápido e com controlo. Tocar lento fornece o ambiente ideal para que haja uma maior percepção dos movimentos bem como maior percepção do tempo.
- **Nas obras ou estudos, estudar pequenas secções, frases, compassos, ou células independentes.** Se determinada passagem oferece mais dificuldade, então deve dar-se redobrada atenção à mesma para corrigir o problema o quanto antes.
- **Estudar escalas sintéticas e/ou simétricas para explorar o máximo de combinações de dedos.** Aqui pretende-se praticar o máximo de combinações de dedos, com recurso a escalas sintéticas que permitem uma abordagem mais regular ou matemática da música (uma escala sintética na guitarra pode ter, por exemplo, uma combinação de dedos da mão esquerda igual em todas as cordas (como

1234,1234,1234...), permitindo um trabalho mais minucioso.

- **Explorar diferentes digitações da mão esquerda e direita.** Todos somos diferentes e deve ser incentivada a experimentação de outras soluções.
- **Não desvalorizar o aquecimento e alongamentos.** Neste ponto, quase todos os professores com quem conversei fizeram a clássica comparação entre a execução instrumental e o desporto. Apesar de tudo, tocar um instrumento musical é uma atividade física e não apenas intelectual.

2.4.3. Exercícios técnicos

Com base na bibliografia pesquisada no decorrer do estágio, decidi criar exercícios com o intuito de desenvolver a velocidade de execução dos alunos (anexo 2). A decisão de usar exercícios da minha autoria em detrimento dos exercícios que constam nos métodos para guitarra analisados, prende-se com o facto de considerar que estes últimos apresentam alguma dificuldade na sua leitura e execução, o que poderia, logo à partida, desmotivar os alunos e comprometer o seu empenho. Assim, desenvolvi exercícios mais simples para poder aplicá-los a todos os alunos, inclusivé aos menos avançados.

2.5.1. Exercício 1

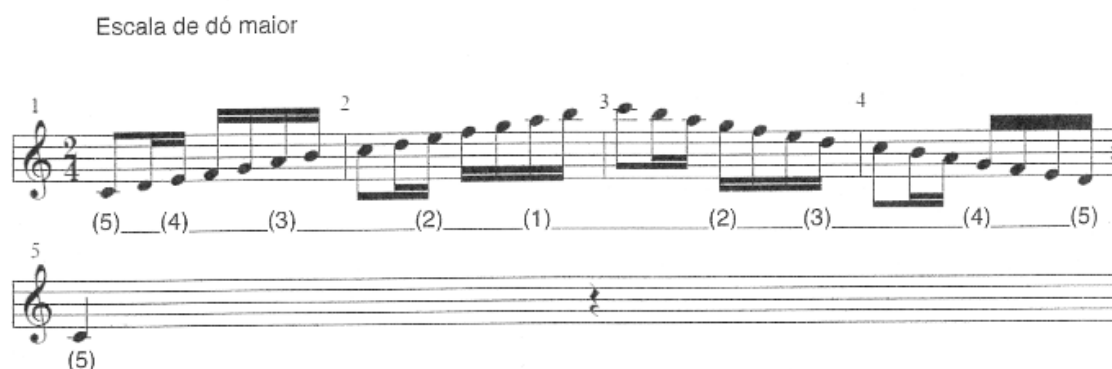


Figura 1 - Exercício 1

O primeiro exercício é a escala de Dó maior (2 oitavas). Foi a escala usada para a realização dos testes. Os alunos executaram a escala usando alternadamente os dedos indicador e médio da mão direita. A escolha do ritmo apresentado nesta escala faz com que todos os primeiros graus da escala – nota Dó – ocupem convenientemente o primeiro tempo de cada compasso, tornando a sua execução mais simples.

2.5.2. Exercício 2

Velocidade

m i m i m

(1)

Figura 2 - Exercício 2

O segundo exercício foi baseado em vários exercícios similares contidos nos métodos analisados para a realização deste trabalho. A rápida execução de poucas notas curtas seguidas de um breve descanso é uma forma ideal para desenvolver a velocidade de execução. A ideia é similar às séries de *sprints* realizados pelos atletas de velocidade. Há um grande foco de energia concentrado num espaço temporal curto, realizando um pequeno número de movimentos rápidos, seguidos de um relaxamento e recuperação para uma próxima série. É um tipo de exercício bastante usado pelos guitarristas de flamenco.

2.5.3. Exercício 3

Ligados

1 p p p i m i

2 m i m p p p

3

4 5

Figura 3 - Exercício 3

Este exercício de ligados baseia-se na escala de Mi frigio dominante. Grande parte das notas são executadas sem o ataque da mão direita nas cordas, ficando todo o trabalho a cargo da mão esquerda (ligados). Deste modo, em movimentos ascendentes (das notas graves para as agudas), a mão esquerda tem que calcar as cordas com energia para que as notas se façam ouvir, mesmo sem o ataque da mão direita. Nos movimentos descendentes (das notas agudas para as graves) os próprios dedos da mão esquerda “beliscam” a corda, simulando o ataque da mão direita. Este tipo de trabalho é ideal para o desenvolvimento da musculatura da mão esquerda.

2.5.4. Exercício 4

Rasgueados

a m i i i

Figura 4 - Exercício 4

Este é um exercício de rasgueados, técnica usada pelos guitarristas de flamenco, que consiste em golpear as cordas com movimentos de extensão e flexão dos dedos da mão direita. Os rasgueados são uma forma muito interessante para desenvolver a velocidade da mão direita pois requerem a utilização de músculos geralmente pouco usados. Os músculos extensores dos dedos. Um maior equilíbrio entre os músculos flexores e extensores é essencial para uma maior agilidade.

2.5.5. Exercício 5

Velocidade da mão esquerda

The image displays a musical score for Exercise 5, consisting of eight staves of music. The first staff includes the lyrics 'p a m i p a m i' above the notes. The music is written in a single melodic line on a treble clef staff, with a 4/4 time signature. The notes are primarily eighth and sixteenth notes, often beamed together. The key signature has one flat (B-flat). The exercise is divided into measures, with measure numbers 1 through 9 indicated at the beginning of each staff. The final measure of the eighth staff contains a double bar line and a repeat sign.

Figura 5 - Exercício 5

Este exercício foi usado para desenvolver a mão esquerda e a sincronização dos movimentos de ambas as mãos. Serve também para desenvolver a velocidade da mão direita, no entanto, aconselhei uma digitação da mão direita que distribuisse as notas por um maior número de dedos (ao contrário dos exercícios 1 e 2, em que aconselhei a utilização da combinação indicador e médio), conseguindo-se assim uma maior velocidade no ataque das notas, com relativa

facilidade para a mão direita. Deste modo, a mão esquerda tem que realizar movimentos bastante rápidos para “acompanhar” a velocidade imprimida pela mão direita.

2.5.6. Exercício 6

Arpejos

p i m a

1

2

3

4

5

6

7

8

9

Figura 6 - Exercício 6

O exercício 6 caracteriza-se por uma sequência de arpejos bastante simples. É uma forma bastante prática para se obter velocidade e controle da mão direita. Neste caso a mão esquerda realiza pouquíssimos movimentos, assumindo uma posição mais estática. Enquanto esta calca as cordas formando um acorde, a mão direita realiza movimentos rápidos, arpejando esses mesmos acordes. Este tipo de exercício é bom para trabalhar o controle e regularidade rítmica da mão direita pois, sendo relativamente fácil arpejar com velocidade, é necessário controle para manter as semicolcheias bem executadas.

2.5.7. Exercício 7



Figura 7 - Exercício 7

O exercício 7 foi apenas usado pelo o aluno F, em substituição do exercício 4. É igualmente um exercício de rasgueados mas bastante mais simples, podendo ser usado por alunos menos avançados. Aplicam-se os mesmos princípios do exercício 4.

2.5. Aulas lecionadas

Apliquei a minha proposta de trabalho a três alunos em aulas individuais, e à classe de conjunto (Orquestra de Guitarras). A escolha dos alunos para as aulas individuais baseou-se nos bons níveis de motivação destes e nas suas rotinas de estudo. Procurei alunos com estas características devido ao carácter bastante prático da minha intervenção pedagógica, que implicou um elevado compromisso dos mesmos para com o plano de estudo proposto. As estratégias para o desenvolvimento da velocidade de execução foram trabalhadas e testadas com os alunos apresentados no ponto seguinte, que formaram parte do que chamei de grupo “experimental”. Para fins de comparação, foram também dadas duas aulas, com o mesmo teor, a um grupo de alunos que constituíram o grupo de “controlo”, com os quais não foram utilizadas as mesmas estratégias.

2.5.1. Alunos intervenientes

Aluno F

O Aluno F encontra-se no 3º ano de Iniciação, em regime integrado. É bastante interessado, inteligente e extrovertido, e compreende e executa repertório bastante avançado para a sua idade. Foi um aluno bastante importante para o meu trabalho devido ao facto de ser o mais jovem do grupo e único representante dos graus de iniciação. Uma das maiores preocupações que tive durante o desenho do meu plano de intervenção, foi ser capaz de desenvolver um plano que pudesse ser perfeitamente percebido e aplicável a alunos de qualquer idade, desde os da iniciação até aos alunos do 8º grau.

Apesar de ser um aluno com bastante talento e boa técnica, achei desafiante “puxar” pelo aluno para verificar o impacto das minhas propostas em alunos que já são bastante avançados para a idade.

Aluno C

O Aluno C frequenta o 2º grau em regime integrado, e é mais introvertido, e um pouco tenso. Porém, responde bem às indicações do professor, e demonstra estudo regular. Tem alguns “problemas” técnicos como por exemplo, a posição da mão direita, com o pulso demasiado perto das cordas, o pouco controlo do polegar e movimentos exagerados da mão esquerda. Este foi um aluno com que fiz questão de trabalhar pois considero que as questões de postura e colocação das mãos são importantes para o correto desenvolvimento da técnica.

Aluna E

A Aluna E frequenta o 5º grau em regime integrado, e é uma aluna exemplar, confiante e calma. Responde muito bem ao que lhe é pedido, sem entrar em stress. A sua técnica é bastante coesa embora se encontre no “limite” para a confortável execução do repertório que está a estudar. Uma das minhas grandes motivações com este trabalho sempre foi a oportunidade de ajudar os alunos a ultrapassar obstáculos como passagens difíceis, células rítmicas algo complexas,

passagens rápidas, entre outras exigências de muitas obras musicais.

Orquestra de Guitarras (7 alunos)

A orquestra é composta por alunos do 1º e 2º ciclo de escolaridade, do 1º ao 5º grau de guitarra. O nível é bastante homogêneo. Nota-se alguma competição dentro do grupo, o que é natural, mas ao mesmo tempo sente-se um ambiente de bastante camaradagem e entreaajuda.

A sonoridade e rigor rítmico ainda necessitam de ser trabalhados.

Apresentar a minha proposta de trabalho em contexto de classe de conjunto foi bastante interessante, no sentido em que tive a oportunidade de ensinar de uma forma completamente diferente da usada com os alunos particulares. No caso das aulas em grupo, a aprendizagem dos exercícios propostos não partiu da leitura da pauta, o que seria confuso devido ao elevado número de guitarristas na sala, mas sim com recurso ao método da exemplificação e repetição.

A ideia seria exemplificar e esperar que a minha interpretação, não apenas ajudasse os alunos a perceber os exercícios e sua correta execução, mas também os motivasse para que se aplicassem com maior foco e otimismo.

2.5.2. Aulas individuais (M11) – Grupo Experimental

Tabela 3 - Aulas individuais - Grupo Experimental - Aula nº1

<u>AULA Nº1</u>	
Escola: Academia de Música de Vilar do Paraíso	Objetivos: Discussão sobre estratégias para desenvolver a velocidade de execução.
Disciplina: Guitarra (M11)	Realização de exercícios técnicos.
Nível: Iniciação III, 2º grau, 5º grau	Medição da velocidade máxima de execução de uma escala musical (1º teste).
Data: 19/04/2018	Recursos: Guitarra, guião com estratégias para desenvolver a velocidade de execução, folha de exercícios técnicos, metrônomo.
Duração: 45 minutos	

A aula nº1 foi aplicada aos alunos C, E, e F. Apesar de serem alunos de diferentes níveis, optei por não diferenciar o trabalho desenvolvido com cada um devido ao carácter da própria aula. A mesma incidiu, essencialmente, no trabalho dos exercícios que criei, sendo que estes não apresentam grande dificuldade de leitura ou execução. Mesmo o aluno menos avançado (iniciação III), devido à sua elevada inteligência e talento, não teve qualquer dificuldade em realizar os exercícios propostos.

Iniciei a aula com uma breve conversa com os alunos sobre a velocidade de execução, em que abordei temas como a grande velocidade de conceituados guitarristas bem como a importância da realização de exercícios técnicos para o desenvolvimento da mesma. Fiz também uma pequena demonstração, executando algumas passagens rápidas na guitarra, com o objetivo de motivar os alunos.

Seguidamente, discuti com os alunos as estratégias mencionadas no guião, exemplificando e dando oportunidade para que experimentassem algumas. Todos os alunos mencionaram que já tinham conhecimento de várias estratégias discutidas, o que não foi uma surpresa, visto que são prática comum na aprendizagem do instrumento.

A terceira parte da aula foi dedicada ao trabalho dos exercícios técnicos. Expliquei como estes

deveriam ser treinados, com a exemplificação dos movimentos a serem realizados. Optei por exemplificar os exercícios para que os alunos os pudessem assimilar mais rapidamente. Foi pedido aos alunos que estudassem regularmente os exercícios propostos até à data da aula nº2. Finalmente, foi realizado o 1º teste. Os alunos tocaram a escala de dó maior (2 oitavas), com auxílio do metrônomo, e foi verificado o andamento máximo ao qual conseguiram executar a escala, sem erros e com rigor rítmico. Os resultados do teste serão apresentados no tópico seguinte.

Tabela 4 - Aulas individuais - Grupo Experimental - Aula nº2

<u>AULA Nº2</u>	
<p>Escola: Academia de Música de Vilar do Paraíso</p> <p>Disciplina: Guitarra (M11)</p> <p>Nível: Iniciação III, 2º grau, 5º grau</p> <p>Data: 07/06/2018</p> <p>Duração: 25 minutos</p>	<p>Objetivos: Realização de um inquérito.</p> <p>Medição da velocidade máxima de execução de uma escala musical (2º teste).</p> <p>Conversa sobre a experiência das aulas com o professor estagiário.</p> <p>Recursos: Guitarra, metrônomo, inquérito.</p>

A aula nº2 foi aplicada aos alunos C, E, e F. Entre a aula nº1 e a aula nº2 os alunos tiveram 7 semanas para praticar os exercícios propostos.

Iniciei a aula com a realização de um inquérito aos alunos (anexo 3) para verificar se realizaram o trabalho proposto, para saber se se sentiam mais confortáveis na realização da escala, bem como para perceber o impacto que toda a experiência teve ao nível da sua motivação.

Seguidamente, após um breve aquecimento, realizou-se o 2º teste, nos mesmos trâmites do 1º teste.

Por fim, conversei com os alunos sobre a experiência.

2.5.3. Aulas de Classe de Conjunto (M32) - Grupo Experimental

Tabela 5 - Aulas de Classe de Conjunto - Grupo Experimental - Aula nº1

<u>AULA Nº1</u>	
Escola: Academia de Música de Vilar do Paraíso	Objetivos: Discussão sobre estratégias para desenvolver a velocidade de execução.
Disciplina: Classe de conjunto (M32)	Realização de exercícios técnicos.
Nível: 2º grau, 3º grau e 5º grau	Medição da velocidade máxima de execução de uma escala musical (1º teste).
Data: 20/04/2018	Recursos: Guitarra, guião com estratégias para desenvolver a velocidade de execução, folha de exercícios técnicos, metrónomo.
Duração: 2 blocos de 45 minutos	

A aula nº1 foi aplicada à Classe de Conjunto num formato idêntico ao utilizado nas aulas individuais. Iniciei a aula com uma discussão sobre as diferentes estratégias para desenvolver a velocidade de execução, contidas num guião que lhes foi entregue no início da aula. Os alunos já estavam familiarizados com a maior parte das estratégias, o que tornou a discussão interessante. Se o tema da velocidade de execução já era um tema com potencial para motivar os alunos, num contexto de grupo, onde notei um ligeiro espírito competitivo entre os alunos, ainda se tornou mais motivador. A cada exemplo de passagem rápida que eu demonstrava, fosse uma escala, um arpejo ou uma passagem melódica em legato, os alunos experimentavam, tentando mostrar que também conseguem tocar rápido. Aproveitei este facto para alertar para a importância da realização correta dos movimentos e da importância de tocar limpo – sem erros e com um ritmo preciso.

De seguida, foram trabalhados os exercícios técnicos. Num contexto de grupo, foi determinante optar por exemplificar todos os exercícios, evitando a necessidade da leitura dos mesmos. Seria extremamente confuso ter sete guitarristas a ler ao mesmo tempo e levaria demasiado tempo até estarem todos em sintonia. Assim, não levou muito tempo até que cada guitarrista já estivesse com o exercício “nos dedos”. Em cada exercício, dei oportunidade a que os alunos

experimentassem individualmente a execução dos mesmos para que fosse mais fácil identificar possíveis erros. Quando percebia que todos estavam a executar corretamente os exercícios, tocávamos todos em conjunto. Isto foi bastante interessante porque, com a necessidade de estarmos todos a tocar ao mesmo andamento, acabamos por simular a interpretação com ajuda de metrónomo.

Finalmente, foi realizado o 1º teste. Os alunos tocaram a escala de dó maior (2 oitavas), com auxílio do metrónomo, e foi verificado o andamento máximo ao qual conseguiram executar a escala, sem erros e com rigor rítmico. Mais uma vez, o facto de os alunos estarem em contexto de grupo tornou esta experiência divertida e motivadora.

No final da aula pedi aos alunos para estudarem os exercícios regularmente até à data da aula nº2, ao que se comprometeram a fazê-lo.

Tabela 6 - Aulas de Classe de Conjunto - Grupo Experimental - Aula nº2

<u>AULA Nº2</u>	
<p>Escola: Academia de Música de Vilar do Paraíso</p> <p>Disciplina: Guitarra (M32)</p> <p>Nível: Iniciação III, 2º grau, 5º grau</p> <p>Data: 01/06/2018</p> <p>Duração: 2 blocos de 45 minutos</p>	<p><u>Objetivos:</u> Realização de um inquérito.</p> <p>Medição da velocidade máxima de execução de uma escala musical (2º teste).</p> <p>Conversa sobre a experiência das aulas com o professor estagiário.</p> <p><u>Recursos:</u> Guitarra, metrónomo, inquérito.</p>

Iniciei a aula nº2 com a realização de um inquérito aos alunos (anexo 3) para verificar se realizaram o trabalho proposto, para saber se se sentiam mais confortáveis na realização da escala, bem como para perceber o impacto que toda a experiência teve ao nível da sua motivação.

Seguidamente, após um breve aquecimento, realizou-se o teste final, nos mesmos trâmites do 1º teste. Verificou-se o andamento máximo a que os alunos conseguissem executar a mesma escala musical que fora executada no teste de diagnóstico. Os alunos estavam muito motivados pois o teste final iria revelar se de facto estavam ou não mais rápidos.

Por fim, conversei com os alunos sobre a experiência.

2.5.4. Aulas do Grupo de controlo (M11)

Tabela 7 - Aulas do Grupo de Controlo - Aula nº1

<u>AULA Nº1</u>	
Escola: Academia de Música de Vilar do Paraíso	<u>Objetivos:</u> Medição da velocidade máxima de execução de uma escala musical (1º teste).
Disciplina: Guitarra (M11)	<u>Recursos:</u> Guitarra, metrónomo.
Nível: 1º grau, 2º grau, 3º grau e 7º grau	
Data: 19/04/2018, 20/04/18 e 24/04/18	
Duração: 15 minutos	

Esta aula foi aplicada aos alunos A, B, G, H e J. Foi uma aula muito curta que serviu apenas para medir a velocidade máxima de execução de uma escala musical.

Comecei por referir que estes alunos iriam fazer parte do grupo de controlo, explicando-lhes o teor da experiência que pretendia realizar.

Após um breve aquecimento, procedeu-se à medição do andamento máximo a que conseguiriam executar a escala. Não foi realizado qualquer exercício nem foram discutidas quaisquer estratégias para desenvolver a velocidade de execução. No final, apenas lhes pedi para irem treinado a escala regularmente, sendo que lhes seria aplicado um teste final, dali a 6 semanas, para aferir novamente a velocidade de execução da mesma escala.

Tabela 8 - Aulas do Grupo de Controlo - Aula n°2

<u>AULA N°2</u>	
<p>Escola: Academia de Música de Vilar do Paraíso</p> <p>Disciplina: Guitarra (M11)</p> <p>Nível: 1º grau, 2º grau, 3º grau e 7º grau</p> <p>Data: 29/05/2018, 01/06/18 e 07/06/18</p> <p>Duração: 15 minutos</p>	<p><u>Objetivos:</u> Medição da velocidade máxima de execução de uma escala musical (2º teste).</p> <p><u>Recursos:</u> Guitarra, metrónomo.</p>

A aula n°2 do grupo de controlo serviu apenas para a realização do 2º teste, nos mesmos trâmites do primeiro, procedendo-se à verificação do andamento máximo a que os alunos conseguiriam executar a mesma escala musical executada no 1º teste.

Após um breve aquecimento, realizou-se o teste final.

No final da aula abordei com estes alunos a importância da realização de exercícios de técnica para o desenvolvimento da sua destreza. Discutimos também algumas estratégias para o desenvolvimento da velocidade de execução. Apesar destes alunos fazerem parte do grupo de controlo, achei relevante, após a realização dos testes, abordar os temas que motivaram a realização desta experiência, para que pudessem também eles aplicar as estratégias discutidas no futuro.

CAPÍTULO III – PÓS-INTERVENÇÃO

3.1. Resultados obtidos – Teste de Velocidade

Como descrito anteriormente, a fim de perceber se a aplicação das estratégias para o desenvolvimento da velocidade de execução teriam ou não o efeito desejado, realizei um “Teste de Velocidade” em dois momentos distintos, feito exatamente da mesma forma. O intervalo temporal entre estas duas medições foi de aproximadamente 6 semanas. Nesse período os alunos assumiram o compromisso de estudar diariamente os exercícios e estratégias propostos durante 15 minutos.

Para aferir a eficácia da estratégia aplicada, realizou-se o teste com um **grupo experimental** (constituído pelos alunos que iriam trabalhar os exercícios de incrementação de velocidade) e um **grupo de controlo** (formado por alunos que não trabalharam quaisquer exercícios).

As tabelas seguintes sumarizam o resultado obtido pelos alunos na realização de ambos os testes.

Tabela 9 – Resultados do Grupo Experimental

Aluno	Grau	Escala	1ºteste*	2ºteste*	Diferença*
C	2º	Dó (2 oitavas)	72	88	16
E	5º	Dó (2 oitavas)	75	97	22
F	Iniciação III	Mi m (2 oitavas)	33	63	30
1	C.C**	Dó (2 oitavas)	70	100	30
2	C.C	Dó (2 oitavas)	60	72	12
3	C.C	Dó (2 oitavas)	75	92	17
4	C.C	Dó (2 oitavas)	74	92	18
5	C.C	Dó (2 oitavas)	74	90	16
6	C.C	Dó (2 oitavas)	76	107	31

7	C.C	Dó (2 oitavas)	85	100	15
Média			69,4	90,1	20,7

*Valor do andamento expresso em BPM

**Classe de Conjunto

Tabela 10 - Resultados do Grupo de Controlo

Aluno	Grau	Escala	1ºteste*	2ºteste*	Diferença*
A	2º	Fá (2 oitavas)	29	40	11
B	1º	Fá (1 oitava)	32	45	13
G	3º	Dó (2 oitavas)	75	80	5
H	3º	Dó (2 oitavas)	65	73	8
J	7º	Dó (2 oitavas)	94	107	13
Média			59	69	10

*Valor do andamento expresso em BPM

Ao analisar as tabelas anteriores, podemos destacar três resultados pertinentes:

1. Todos os alunos, do grupo experimental e do grupo de controlo, apresentaram um incremento da velocidade de execução da escala.
2. Os alunos do grupo experimental apresentaram um incremento médio de 20,7 BPM, enquanto que os alunos do grupo de controlo apresentaram um incremento médio de 10 BPM. Uma diferença considerável de quase 11 BPM.
3. À exceção de um aluno, todos os outros alunos do grupo experimental conseguiram um maior incremento da velocidade de execução quando comparados com os alunos do grupo de controlo.

3.2. Inquérito aos alunos

No final da minha intervenção pedagógica foi realizado um inquérito aos alunos do grupo experimental (anexo 3) com o intuito de perceber o impacto que esta teve no seu estudo diário. O inquérito, em formato de questionário fechado, foi composto por seis perguntas. Expliquei cuidadosamente cada pergunta aos alunos para não haver interpretações incorretas. Segue-se a lista de perguntas e uma breve análise dos resultados obtidos.

1. Realizaste os exercícios propostos?

Apenas um aluno respondeu que não. Curiosamente foi o aluno que obteve o 2º menor incremento de velocidade na execução da escala entre os dois testes. Todos os outros responderam que sim, o que de certo modo não foi uma surpresa para mim, devido ao facto do enorme incentivo dado aos alunos por parte do professor cooperante. Por outro lado, notei um grande entusiasmo por parte dos alunos quando estes realizaram os exercícios na aula.

2. Aplicaste as estratégias para desenvolver a velocidade enquanto realizavas os exercícios?

Apesar de ter obtido duas respostas negativas, 80% do grupo respondeu sim. Em conversa com os alunos, percebi que é prática comum no seu estudo diário a utilização de várias das estratégias abordadas.

3. Sentiste maior facilidade na execução da escala?

Esta era uma pergunta bastante importante para mim. Mais do que o incremento da velocidade em si, interessava-me saber se os alunos se sentiam mais confortáveis na realização da escala após toda esta experiência. O resultado foi muito positivo, com nove respostas positivas e apenas uma negativa.

4. Aplicaste algumas das estratégias nas peças que estás a estudar?

Aqui, mais uma vez, realço o facto de ser prática comum a aplicação das estratégias abordadas durante o estudo diário dos alunos. Obtive apenas uma resposta negativa.

5. Achas que o que aprendeste poderá ser útil no teu percurso como guitarrista?

Esta foi a única pergunta à qual obtive 100% de respostas positivas. Um dos grandes objetivos da minha intervenção pedagógica foi abordar questões que pudessem ser úteis no percurso dos alunos enquanto instrumentistas. Em conversa com o meu professor cooperante, este disse-me que notou que os alunos vêm agora as escalas de outra forma. Tanto as escalas como os exercícios foram percebidos como elementos potenciadores da técnica instrumental e bastante úteis para a execução das obras.

6. Sentiste-te motivado com esta experiência?

A esta pergunta obtive oito respostas positivas e duas negativas. No geral foi bastante positivo, tendo notado um grande entusiasmo dos alunos na realização dos exercícios e dos testes. O factor motivação é preponderante no estudo diário de qualquer instrumentista, especialmente no que diz respeito ao estudo da técnica, que exige um foco bastante elevado e é muitas vezes visto como uma tarefa mais “chata” em relação ao estudo de obras musicais.

3.3. Conclusões

Várias interpretações podem ser feitas com base nos resultados obtidos. A mais otimista é que a realização dos exercícios técnicos realizados pelos alunos do grupo experimental, entre os dois testes, assim como o conhecimento e a aplicação de estratégias específicas, contribuíram para um maior aumento da velocidade de execução dos alunos, quando comparados com o grupo de controlo. De facto, o grupo experimental viu a sua velocidade de execução da escala incrementada em 20,7 BPM entre os dois testes, enquanto que o grupo de controlo apenas apresentou um incremento de 10 BPM. No entanto outros fatores poderão ter tido influência. O facto de terem realizado um trabalho específico com um professor diferente, pode ter feito com que os alunos se sentissem mais motivados que os alunos do grupo de controlo. Estavam a trabalhar com um objetivo claro e possuíam ferramentas para os ajudar a desenvolver a sua velocidade de execução.

Por outro lado, é um facto que todos os alunos, de ambos os grupos, aumentaram a sua velocidade de execução da escala entre os dois testes realizados. Um dos motivos poderá ter sido o facto do teste final ter ocorrido numa altura em que os alunos estavam a realizar as suas provas de instrumento, estando num maior momento de “forma”. Por outro lado, o simples facto dos alunos estudarem a escala, mesmo não estudando outros exercícios, poderá ter sido suficiente para desenvolverem a velocidade de execução da mesma. De qualquer modo, uma diferença de 10,7 BPM entre o incremento de velocidade do grupo experimental e o grupo de controlo não é negligenciável.

4. Reflexão final

Iniciei este projeto com o objetivo de transmitir aos alunos conhecimento e ferramentas úteis para o seu percurso como guitarristas. Queria desenvolver algo prático e motivador para promover o seu empenho e gosto pelo instrumento.

O tema da velocidade sempre me fascinou e desde muito cedo fui deslumbrado pela técnica de guitarristas como Yngwie Malmsteen, um virtuoso da guitarra elétrica, ou Paco de Lucia, um mestre do flamenco. Perguntava-me como era possível tocarem tão rápido mas de forma tão expressiva. Como disse Malmsteen, numa entrevista: “A velocidade a que se toca não tem importância em si. Se você prestar atenção ao que eu toco, a minha música é muito mais do que só velocidade. Tocar rápido, mas sem valor musical, não tem sentido. Paganini é um exemplo de rapidez, mas cheia de sentido. O mais importante é o valor musical.”⁸

Como guitarrista de guitarra elétrica e guitarra clássica, procurei sempre formas para desenvolver a minha velocidade, fosse com o recurso a métodos, vídeos instrutivos ou com trocas de ideias com amigos músicos. No entanto, a forma menos rigorosa com que abordei o problema da velocidade, sem grande objetividade e rigor nos processos, fez com que desvalorizasse questões importantes como a postura, relaxamento, economia de movimento ou precisão rítmica, tendo sido obrigado a corrigir posteriormente alguns problemas na minha execução instrumental. Hoje, como professor de guitarra, tento sempre inculcar aos alunos um certo rigor no estudo para que possam evitar o aparecimento de problemas que depois têm que ser solucionados.

Quando decidi abordar o problema da velocidade de execução dos alunos de guitarra, foi muito claro para mim que teria que ter um certo cuidado com a forma como iria abordar tal questão. Queria oferecer ferramentas úteis para promover a velocidade de execução mas sempre com a música em mente. Alertei várias vezes ao longo do estudo que a velocidade, por si só, é irrelevante se não a aplicarmos de forma musical, isto é, com precisão rítmica, com um som cuidado e com controlo da dinâmica.

Os meus objetivos com este projeto foram:

⁸ Daniel Buarque (2015) Entrevista a Yngwie Malmsteen. UOL. Disponível em:

<https://musica.uol.com.br/noticias/redacao/2015/04/08/velocidade-nao-e-o-que-importa-diz-virtuoso-da-guitarra-yngwie-malmsteen.htm?cmpid=copiaecola>

- Ajudar os alunos a desenvolver a sua velocidade de execução.
- Ajudar os alunos a usar essa velocidade de forma relaxada e musical.
- Alertar para a importância da realização de um trabalho mais técnico (realização de exercícios) para um melhor controlo dos movimentos.
- Motivar os alunos para o estudo diário da técnica, já que é muitas vezes visto como um trabalho mais “maçador”.

O estudo da bibliografia abordada no enquadramento teórico deste projeto foi determinante para perceber qual a melhor forma para abordar o problema da velocidade. Com base nos métodos analisados, criei exercícios para que os alunos pudessem trabalhar elementos importantes para o desenvolvimento da velocidade de execução como a velocidade da mão direita, a sincronização de ambas as mãos e as transições de corda. Pude perceber a importância da economia de movimento e relaxamento de músculos desnecessários à ação, conceitos que transmiti aos alunos para que estes os pudessem utilizar no seu estudo diário. Não menos importante foi o conhecimento que obtive, fruto da conversa com vários professores de guitarra, que me deram uma ideia geral das estratégias usadas por estes para desenvolver a velocidade de execução dos seus alunos. Isso fez com que pudesse oferecer aos alunos com quem trabalhei um maior leque de soluções para o mesmo problema.

A realização de “testes de velocidade” acabou por se revelar numa mais valia no que respeita à motivação dos alunos durante a minha intervenção. Notei um grande entusiasmo por parte de todos os alunos no momento da realização dos testes. A realização de testes de “aptidão instrumental” que traduzam a destreza de um músico em números não é algo comum no ensino ou em qualquer outro contexto, pelo que o fator “novidade” foi por si só, um elemento altamente motivador.

Penso que consegui cumprir com os objetivos que tracei no início do projeto:

- Foi um facto que a velocidade de execução de uma escala musical aumentou consideravelmente.
- A grande maioria dos alunos que realizaram o questionário afirmou que se sentia mais confortável na execução da mesma.

- O facto dos alunos do grupo experimental terem visto a sua velocidade de execução da escala aumentar significativamente tornou claro a importância de um trabalho específico da técnica.
- A realização dos testes de velocidade trouxe uma motivação notória por parte da grande maioria dos alunos.

Seria, no entanto, presunçoso não admitir que o projeto teve os seus pontos fracos. O desenvolvimento da velocidade de execução implica um estudo diário e focado e não será apenas em 6 semanas que tal acontece. Por outro lado, a realização de testes altamente rigorosos e fidedignos implicaria um controlo de variáveis que não foi possível no contexto deste estágio. É certo que num curto espaço de tempo, o andamento a que os alunos conseguiram executar a escala aumentou. Mas terá sido devido ao estudo dos exercícios propostos? Acredito que todo um conjunto de fatores terá tido influência, como o fator motivacional, o facto dos alunos terem realizado o segundo teste numa fase de exames, estando num maior momento de “forma”, ou o simples estudo da escala em questão. De qualquer modo, penso que todos os alunos perceberam a importância de um estudo com objetivos claros para a obtenção de resultados satisfatórios.

Finalizo este trabalho com a sensação de dever cumprido pelo simples facto de ter conseguido manter os alunos motivados. A música e a execução instrumental é algo inegavelmente belo quando todos os seus elementos se conjugam em harmonia. Para que tal aconteça, é importante um bom estudo e automatização da técnica do instrumento, para que nos momentos de performance o aluno possa deixar fluir, e focar-se tranquilamente na musicalidade e expressividade da performance.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Almeida, Sara C. O. M. (2009). *A Guitarra Clássica – Caracterização técnica, estilística e estética*. Dissertação de Mestrado. Universidade de Aveiro.
- Barceló, Ricardo (1995). *La digitación guitarrística. – recursos poco usuales*. Madrid: Real Musical.
- Barceló, Ricardo (2001). *Adestramento técnico para guitarristas*. Madrid: Real Musical.
- Barceló, Ricardo (2009). *O Sistema Posicional na Guitarra. Origem e conceitos de Posição – O caso de Fernando Sor*. Tese de Doutoramento. Universidade de Aveiro.
- Barceló, Ricardo (2010). *Del violín a la guitarra: influencias en la técnica, escritura, organología y expresión*. Revista da Sociedad Española de la Guitarra, nº 5, dezembro.
- Brouwer, Leo (1992). *Scale per chitarra, Metodologia dello studio*. Milano: Ricordi.
- Cardoso, Jorge (1974). *Ciencia y método de la guitarra*. San José: Editorial de la Universidad de Costa Rica.
- Carlevaro, Abel (1979). *Escuela de la guitarra. Exposición de la teoría instrumental*. Buenos Aires: Barry Editorial.
- Noad, Frederick. M. (1977). *Solo guitar playing book 2*. New York: Schirmer Books.
- Passos, Pedro (s.d.). *Comportamento motor, controlo e aprendizagem*. Lisboa: MH Edições.
- Pujol, Emilio (1956). *Escuela razonada de la guitarra vol. 1 e 2*. Buenos Aires: Ricordi Americana.
- Pujol, Emilio (1954). *Escuela razonada de la guitarra vol. 3*. Buenos Aires: Ricordi Americana.
- Tennant, Scott (1995). *Pumping Nylon, The Classical Guitarist's technique handbook*. New York: Alfred Music.
- Zunín, Gustavo (2014). *Método científico para o ensino da música*. Lulu.com Editorial.

WEBGRAFIA

Academia de música de Vilar do Paraíso (2018). *Projeto Educativo*. Disponível em:
<http://amvp.pt/>

Buarque, Daniel (2015) *Entrevista a Yngwie Malmsteen*. UOL. Disponível em:
<https://musica.uol.com.br/noticias/redacao/2015/04/08/velocidade-nao-e-o-que-importa-diz-virtuoso-da-guitarra-yngwie-malmsteen.htm?cmpid=copiaecola>

Chang, Chuan (2009). *Fundamentals of piano practice*. (2ªed.). Disponível em:
<http://www.pianopractice.org/book.pdf>

Powis, Simon (2006). *Developing speed*. Disponível em:
<https://www.classicalguitarcorner.com/l302-developing-speed/>

Vianna, Jeferson (s.d.). *Velocidade*. Disponível em:
<http://www.aquabarra.com.br/artigos/treinamento/VELOCIDADE.pd>

ANEXOS

Anexo 1 - Guião de Estratégias

Estratégias para desenvolver a velocidade de execução

De António Lopes

- Executar determinada frase musical com metrónomo e aumentar gradualmente o andamento.
- Executar a mesma frase com diferentes abordagens (ritmos ou técnicas diferentes na mão direita).
- Realizar exercícios de diferentes técnicas para o desenvolvimento da agilidade de ambas as mãos (trémolos, escalas, arpejos, rasgueados, etc).
- Fazer exercícios físicos para o desenvolvimento da musculatura dos braços e mãos.
- Explorar diferentes técnicas de articulação como figueta, ligados, entre outras.
- Explorar ângulos de ataque da mão direita.
- Tocar lento e perceber/sentir todos os movimentos.
- Nas obras ou estudos, estudar pequenas secções, frases, compassos ou células independentes.
- Estudar escalas sintéticas e/ou simétricas para explorar o máximo de combinações de dedos.
- Explorar diferentes digitações da mão esquerda e direita.
- Não desvalorizar o aquecimento e alongamentos.

Nota: A velocidade deve vir acompanhada de um controlo absoluto dos movimentos. Em nenhuma altura devemos notar imprecisões rítmicas ou movimentos descoordenados que resultem num som sujo e numa interpretação ambígua e precipitada.

Abril 2018

Anexo 2 - Exercícios propostos aos alunos

Exercícios para desenvolver a velocidade de execução:

Escala de dó maior

1
(5) (4) (3) (2) (1) (2) (3) (4) (5)

2
(5) (4) (3) (2) (1) (2) (3) (4) (5)

Velocidade

m i m i m

1
(1)

2

3

4

5

6

7

8

9

Ligados

1 p p p i m i

2 m i m p p p

3

4 5

Detailed description: This musical score consists of four staves of music in 4/4 time. The first staff begins with a treble clef and a key signature of one sharp (F#). It contains a sequence of eighth notes with slurs and accents. Above the first staff are fingerings: 'p' above the first three notes, 'i' above the fourth, 'm' above the fifth, and 'i' above the sixth. The second staff continues the sequence with fingerings 'm' above the first, 'i' above the second, 'm' above the third, and 'p' above the fourth, fifth, and sixth. The third staff continues the sequence. The fourth staff continues the sequence and ends with a double bar line and repeat dots. A '5' is written above the final note of the fourth staff.

Rasgueados

a m i i i

1 2

3 4

5 6

7 8

9

10

Detailed description: This musical score consists of ten staves of music in 4/4 time, featuring rasgueado (strumming) patterns. Above the first staff are fingerings: 'a' above the first note, 'm' above the second, 'i' above the third, and 'i' above the fourth and fifth notes. The score is divided into measures numbered 1 through 10. Measures 1-2, 3-4, 5-6, and 7-8 each contain a pair of staves. Measures 9 and 10 each contain a single staff. The music consists of rhythmic patterns of chords and single notes, with some measures containing rests.

Velocidade da mão esquerda

p a m i p a m i

1

2

3

4

5

6

7

8

9

Arpejos

p i m a

The image displays a musical score for arpeggios in G major (one sharp: F#). The score consists of nine numbered staves, each containing a sequence of arpeggiated chords. The chords are: 1. G major (G-B-D), 2. A major (A-C#-E), 3. B major (B-D#-F#), 4. C# minor (C#-E-G), 5. D major (D-F#-A), 6. E major (E-G#-B), 7. F# minor (F#-A-C), 8. G major (G-B-D), and 9. G major (G-B-D). Each arpeggio is written in a treble clef with a 4/4 time signature. The notes are beamed together and played in an ascending order. The final measure of the ninth staff shows a whole note chord with a fermata.

Rasgueados

The image shows a musical score for guitar strumming patterns (Rasgueados) in 4/4 time. The score consists of two staves, each containing two measures. The first measure of the first staff is marked with a '1' and the second with a '2'. The first measure of the second staff is marked with a '3' and the second with a '4'. Above the first measure of the first staff, there are three upward-pointing arrows with the letters 'a', 'm', and 'i' underneath them, indicating the fingerings for the first three notes of the strumming pattern. The notation uses a treble clef and a 4/4 time signature. The notes are grouped into chords, and the strumming is indicated by a '7' symbol above the notes.

Anexo 3 - Questionário final aos alunos

Estratégias para desenvolver a velocidade de execução
na guitarra desde os primeiros anos de estudo

	Sim	Não
1. Realizaste os exercícios propostos?		
2. Aplicaste as estratégias para desenvolver a velocidade enquanto realizavas os exercícios?		
3. Sentiste maior facilidade na execução da escala?		
4. Aplicaste algumas das estratégias nas peças que estás a estudar?		
5. Achas que o que aprendeste poderá ser útil no teu percurso como guitarrista?		
6. Sentiste-te motivado com esta experiência?		

Aluno_____

Resultados

Estratégias para desenvolver a velocidade de execução
na guitarra desde os primeiros anos de estudo

	Sim	Não
1. Realizaste os exercícios propostos?	X	
2. Aplicaste as estratégias para desenvolver a velocidade enquanto realizavas os exercícios?	X	
3. Sentiste maior facilidade na execução da escala?	X	
4. Aplicaste algumas das estratégias nas peças que estás a estudar?	X	
5. Achas que o que aprendeste poderá ser útil no teu percurso como guitarrista?	X	
6. Sentiste-te motivado com esta experiência?	X	

Aluno F

Estratégias para desenvolver a velocidade de execução
na guitarra desde os primeiros anos de estudo

	Sim	Não
1. Realizaste os exercícios propostos?	X	
2. Aplicaste as estratégias para desenvolver a velocidade enquanto realizavas os exercícios?	X	
3. Sentiste maior facilidade na execução da escala?	X	
4. Aplicaste algumas das estratégias nas peças que estás a estudar?	X	
5. Achas que o que aprendeste poderá ser útil no teu percurso como guitarrista?	X	
6. Sentiste-te motivado com esta experiência?	X	

Aluno E

Estratégias para desenvolver a velocidade de execução
na guitarra desde os primeiros anos de estudo

	Sim	Não
1. Realizaste os exercícios propostos?	X	
2. Aplicaste as estratégias para desenvolver a velocidade enquanto realizavas os exercícios?	X	
3. Sentiste maior facilidade na execução da escala?	X	
4. Aplicaste algumas das estratégias nas peças que estás a estudar?	X	
5. Achas que o que aprendeste poderá ser útil no teu percurso como guitarrista?	X	
6. Sentiste-te motivado com esta experiência?	X	

Aluno C

Estratégias para desenvolver a velocidade de execução
na guitarra desde os primeiros anos de estudo

	Sim	Não
1. Realizaste os exercícios propostos?	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
2. Aplicaste as estratégias para desenvolver a velocidade enquanto realizavas os exercícios?	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
3. Sentiste maior facilidade na execução da escala?	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
4. Aplicaste algumas das estratégias nas peças que estás a estudar?	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
5. Achas que o que aprendeste poderá ser útil no teu percurso como guitarrista?	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
6. Sentiste-te motivado com esta experiência?	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Aluno 1

Estratégias para desenvolver a velocidade de execução
na guitarra desde os primeiros anos de estudo

	Sim	Não
1. Realizaste os exercícios propostos?	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
2. Aplicaste as estratégias para desenvolver a velocidade enquanto realizavas os exercícios?	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
3. Sentiste maior facilidade na execução da escala?	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
4. Aplicaste algumas das estratégias nas peças que estás a estudar?	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
5. Achas que o que aprendeste poderá ser útil no teu percurso como guitarrista?	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
6. Sentiste-te motivado com esta experiência?	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Aluno 2

Estratégias para desenvolver a velocidade de execução
na guitarra desde os primeiros anos de estudo

	Sim	Não
1. Realizaste os exercícios propostos?	X	
2. Aplicaste as estratégias para desenvolver a velocidade enquanto realizavas os exercícios?	X	X
3. Sentiste maior facilidade na execução da escala?	X	
4. Aplicaste algumas das estratégias nas peças que estás a estudar?	X	
5. Achas que o que aprendeste poderá ser útil no teu percurso como guitarrista?	X	
6. Sentiste-te motivado com esta experiência?	X	

Aluno 3

Estratégias para desenvolver a velocidade de execução
na guitarra desde os primeiros anos de estudo

	Sim	Não
1. Realizaste os exercícios propostos?	X	
2. Aplicaste as estratégias para desenvolver a velocidade enquanto realizavas os exercícios?	X	
3. Sentiste maior facilidade na execução da escala?	X	
4. Aplicaste algumas das estratégias nas peças que estás a estudar?	X	
5. Achas que o que aprendeste poderá ser útil no teu percurso como guitarrista?	X	
6. Sentiste-te motivado com esta experiência?	X	

Aluno 4

Estratégias para desenvolver a velocidade de execução
na guitarra desde os primeiros anos de estudo

	Sim	Não
1. Realizaste os exercícios propostos?	X	
2. Aplicaste as estratégias para desenvolver a velocidade enquanto realizavas os exercícios?	X	X
3. Sentiste maior facilidade na execução da escala?	X	
4. Aplicaste algumas das estratégias nas peças que estás a estudar?	X	
5. Achas que o que aprendeste poderá ser útil no teu percurso como guitarrista?	X	
6. Sentiste-te motivado com esta experiência?	X	

Aluno 5

Estratégias para desenvolver a velocidade de execução
na guitarra desde os primeiros anos de estudo

	Sim	Não
1. Realizaste os exercícios propostos?	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
2. Aplicaste as estratégias para desenvolver a velocidade enquanto realizavas os exercícios?	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
3. Sentiste maior facilidade na execução da escala?	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
4. Aplicaste algumas das estratégias nas peças que estás a estudar?	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
5. Achas que o que aprendeste poderá ser útil no teu percurso como guitarrista?	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
6. Sentiste-te motivado com esta experiência?	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>

Aluno 6

Estratégias para desenvolver a velocidade de execução
na guitarra desde os primeiros anos de estudo

	Sim	Não
1. Realizaste os exercícios propostos?		X
2. Aplicaste as estratégias para desenvolver a velocidade enquanto realizavas os exercícios?	X	
3. Sentiste maior facilidade na execução da escala?		X
4. Aplicaste algumas das estratégias nas peças que estás a estudar?	X	
5. Achas que o que aprendeste poderá ser útil no teu percurso como guitarrista?	X	
6. Sentiste-te motivado com esta experiência?		X

Aluno 7

DECLARAÇÃO

(Para efeitos de autorização de identificação)

Nos termos previstos na Parte 1, n.º 18 do Despacho RT-31/2019 da Universidade do Minho, declara-se que o estagiário António Oliveira Lopes está autorizado a identificar a Academia de Música de Vilar do Paraíso, no âmbito do seu relatório de estágio, salvaguardando o anonimato dos alunos intervenientes.

V.N. Gaia, 9 de julho de 2019

O Diretor da Academia,

**ACADEMIA DE MÚSICA
DE
VILAR DO PARAÍSO**

NIF: 510 364 470
R. do Carteiro, 49 • 4405-855 Vilar do Paraíso
Tel. 227 110 249 - Fax 227162349
www.amvp.pt